

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO: UM ESTUDO SOBRE A PESCA ARTESANAL  
NO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA/RJ**

**LABOR RELATIONS AND GENDER: A STUDY OF ARTISANAL FISHING IN THE  
MUNICIPALITY OF SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA/RJ**

**RELACIONES LABORALES Y GÉNERO: UN ESTUDIO SOBRE LA PESCA ARTESANAL EN  
EL MUNICIPIO DE SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA/RJ**

**Maria Fernanda Lima da Mata**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem  
Instituição: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
E-mail: marifernandalima.2@gmail.com

**Rafael Moraes da Silva**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem  
Instituição: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
E-mail: rafaelisepam@gmail.com

**Kissila da Silva Rangel**

Mestra em Cognição e Linguagem  
Instituição: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
E-mail: kissilarangel20@gmail.com

**RESUMO:** A pesca artesanal no município de São Francisco de Itabapoana é marcada pelo protagonismo do trabalho masculino. Os homens trabalham em alto mar sendo os principais responsáveis pela captura do pescado. E as mulheres são responsáveis pelas funções das etapas de beneficiamento, que são desvalorizadas e vistas como ajuda ao trabalho dos homens. Esta análise se baseia na revisão bibliográfica de literaturas importantes sobre o assunto, e nos dados coletados pelo censo do PEA Pescarte no ano de 2016. Ao serem questionados se existe trabalho de homem e trabalho de mulher dentro da pesca, 46% dos entrevistados responderam sim indicando que quase metade dos participantes vê distinções nas funções desempenhadas por cada gênero. E 89% responderam que a pesca é atividade de homem, evidenciando um forte estereótipo de gênero que associa a pesca a uma atividade masculina. E 5,2% dos entrevistados responderam que pesca é atividade para as mulheres. Esses resultados evidenciam a invisibilidade das mulheres na pesca, a dificuldade na conquista de direitos e reconhecimentos enquanto pescadoras. Fazendo-se necessário levantar debates com a comunidade sobre a importância do trabalho feminino e reivindicações ao poder público para acesso igualitário a direitos.

**Palavras-chave:** Invisibilidade. Pesca. Gênero.

**ABSTRACT:** Artisanal fishing in São Francisco de Itabapoana, in the interior of the state of Rio de Janeiro, is marked by the prominence of men's work. The men who work on the high seas are mainly responsible for fishing. However, women are delegated the tasks of the processing stages, which are devalued and seen as an aid to men's work. This analysis is based on a bibliographical review of important literature on the subject, and on the data collected by the PEA Pescarte census in 2016. When asked if there is men's work and women's work in fishing, 46% of respondents answered yes, indicating that almost half of the participants see distinctions in the roles played by each gender. It should also be noted that 89% of respondents said that fishing is man's activity, showing that there is too much of a gender stereotype that associates fishing with a masculine activity. Another noteworthy point is that 5.2% of those interviewed

said that fishing is an activity for women. These results elucidate the invisibility of women in fishing, the difficulty in gaining rights and recognition as fisherwomen. It is therefore necessary to raise debates with artisanal fishing communities about the importance of women's work and demands to the public authorities for equal access to rights.

**Keywords:** Invisibility. Fishing. Gender.

**RESUMEN:** La pesca artesanal en São Francisco de Itabapoana, en el interior del estado de Río de Janeiro, está marcada por el protagonismo del trabajo masculino. Los hombres que trabajan en alta mar son los principales responsables de la pesca. Sin embargo, a las mujeres se les delegan las tareas de las fases de transformación, que son desvalorizadas y consideradas como una ayuda al trabajo masculino. Este análisis se basa en una revisión bibliográfica de la literatura importante sobre el tema, y en los datos recogidos por el censo PEA Pescarte en 2016. A la pregunta de si hay trabajo de hombres y trabajo de mujeres en la pesca, el 46% de los encuestados respondió afirmativamente, lo que indica que casi la mitad de los participantes ve distinciones en los roles desempeñados por cada género. También hay que señalar que el 89% de los encuestados afirmó que la pesca es una actividad de hombres, lo que demuestra que existe un estereotipo de género que asocia la pesca con una actividad masculina. Otro punto digno de mención es que el 5,2% de los entrevistados afirmó que la pesca es una actividad para mujeres. Estos resultados dilucidan la invisibilidad de las mujeres en la pesca, la dificultad para conseguir derechos y reconocimiento como pescadoras. Por lo tanto, es necesario plantear debates con las comunidades de pescadores artesanales sobre la importancia del trabajo de las mujeres y reivindicar ante los poderes públicos la igualdad de acceso a los derechos.

**Palabras clave:** Invisibilidad. Pesca. Género.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres enfrentam a invisibilidade e a desigualdade de gênero dentro dos campos de trabalho. A dificuldade que as mulheres enfrentam no ambiente laboral é um reflexo das características históricas enraizadas na cultura e na sociedade, que definem as relações de poder e as expectativas sobre os papéis que cada gênero deve desempenhar. A desigualdade estrutural dificulta o acesso das mulheres a oportunidades e contribui para perpetuar a invisibilidade.

Um dos desafios que as mulheres atravessam está relacionado à estrutura organizacional, que é pensada em torno de uma visão masculina de neutralidade, ignorando as necessidades específicas das mulheres e tornando suas contribuições invisíveis. Esse processo reduz a visibilidade e a valorização do trabalho feminino, tratando-o como secundário em relação às funções que os homens realizam.

Com o reconhecimento sobre o sistema de opressão que as mulheres vivenciam, surge a noção de que grande parte do trabalho por elas realizado é desvalorizado e inviabilizado dentro do ambiente de trabalho, sendo visto como função “natural” quando ocorre dentro do ambiente doméstico, relacionado ao cuidado com a família e com o lar. Esse sistema, além de dificultar seu crescimento profissional, exige uma carga dupla, pois enquanto o trabalho doméstico e de cuidado é visto como obrigação imposta ao gênero feminino, o trabalho remunerado realizado fora de casa é frequentemente subestimado.

O setor pesqueiro, assim como muitas outras atividades ligadas ao trabalho manual, foi fortemente influenciado por uma divisão de gênero que associa as atividades de maior esforço físico e risco aos homens, enquanto as mulheres são delegadas a funções de apoio e beneficiamento. Esse trabalho é, às vezes, invisibilizado e considerado uma extensão do trabalho doméstico. Essa divisão reflete a estrutura patriarcal das comunidades pesqueiras e se perpetua através das gerações, fortalecendo estereótipos que limitam o papel das mulheres.

No município de São Francisco de Itabapoana – RJ, a pesca artesanal é marcada pelo trabalho masculino: os homens trabalham em alto mar, sendo os principais responsáveis pela captura do pescado. As mulheres, por sua vez, se ocupam das atividades em terra, como descascar camarão, limpar, filetar peixes, coletar mariscos e crustáceos nas proximidades de praias, rios e manguezais. Tarefas fundamentais para a cadeia produtiva e, por vezes, não recebem o devido valor econômico e a valorização social.

O trabalho desempenhado pelas mulheres pesqueiras é frequentemente desvalorizado, visto como ajuda e complemento ao trabalho dos homens, resultando em ganhos financeiros abaixo do esperado e duplas jornadas de trabalho, já que muitas mulheres assumem, além de suas funções remuneradas, responsabilidades domésticas e de cuidado com os familiares. Essa dinâmica contribui para uma visão estrutural de que o trabalho feminino é secundário, mesmo que ele seja essencial para o funcionamento da economia.

A falta de reconhecimento do trabalho feminino na pesca acarreta consequências desafiadoras. As mulheres enfrentam obstáculos para serem reconhecidas como pescadoras, o que as priva do acesso a políticas públicas e programas de apoio que geralmente são destinados aos homens pescadores. A exclusão das mulheres impede a garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários, como o acesso ao seguro-defeso e à aposentadoria, aumentando a desigualdade de gênero e a precarização da qualidade de vida.

Diante dessas problemáticas, é objetivo desta pesquisa discutir a relação de trabalho e gênero na pesca artesanal no município de São Francisco de Itabapoana/RJ, destacando a divisão sexual do trabalho, a desvalorização das atividades desempenhadas pelas mulheres e as consequências dessa dinâmica, como a falta de reconhecimento formal e o acesso limitado a políticas públicas e programas de apoio.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os dados do censo realizado pelo PEA (Projeto de Educação Ambiental) Pescarte no ano de 2016, com o recorte das entrevistas realizadas dentro do município de São Francisco de Itabapoana/RJ. Também foi utilizada a revisão de literatura de artigos importantes que abordam a desigualdade de gênero dentro de ambientes laborais, especialmente nas comunidades pesqueiras.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudiosos consideravam a força de trabalho como assexuada dentro do sistema produtivo em que estavam inseridas, considerando todos os trabalhadores como um corpo homogêneo. Isso impede que homens e mulheres sejam vistos de acordo com suas especificidades, dificultando uma análise mais detalhada do trabalho desenvolvido pelas mulheres, favorecendo, assim, a invisibilidade do trabalho feminino e aumentando a desigualdade de gênero nos espaços de trabalho (Fassarella, 2008).

Com a tomada de consciência de que as mulheres estavam postas em um lugar de opressão e que o trabalho por elas desempenhado ocupava um espaço de invisibilidade, torna-se evidente que uma enorme carga de trabalho é realizada pelas mulheres de forma gratuita, sempre em benefício do outro, em nome da obrigação de cuidado para com os familiares (Hirata, 2007).

Para Maneschy (1995), a subordinação feminina torna a mulher suscetível a aceitar condições menos favoráveis de emprego. Beauvoir (1967, p. 148) provoca reflexões sobre o espaço da mulher na sociedade e sua subordinação ao homem:

"O homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho."

Kergoat (2009) argumenta que a divisão sexual do trabalho estabelece uma hierarquia entre as atividades realizadas por homens e mulheres, em que as tarefas femininas, apesar de fundamentais para o funcionamento social, são sistematicamente desvalorizadas. Essa organização perpetua a subordinação das

mulheres no mercado de trabalho e reforça desigualdades de gênero, associando o valor econômico e social ao trabalho masculino em detrimento do feminino.

Segundo Theis (2018), a divisão sexual do trabalho fornece uma perspectiva analítica para compreender como se estruturam as relações entre as atividades associadas a homens e mulheres. Essa abordagem permite explorar as raízes históricas de tipos de trabalho predominantemente atribuídos às mulheres, refletindo construções culturais e sociais que definem essas ocupações e perpetuam a desigualdade.

Mesmo quando as mulheres ingressam em profissões historicamente associadas aos homens, devido a pré-requisitos considerados masculinos, como força, resistência e liderança, seu trabalho é muitas vezes visto como inferior, resultando em disparidades salariais (Chies, 2010).

Na pesca artesanal, a divisão sexual do trabalho é evidente. Para Figueiredo (2014), as mulheres desempenham principalmente a mariscagem como meio de sobrevivência. Apesar de ser uma atividade menos valorizada, elas encontram nos manguezais costeiros sua principal fonte de sustento, especialmente em ambientes onde enfrentam a exclusão da pesca em alto-mar. Segundo Figueiredo (2014), a mariscagem é predominantemente realizada por mulheres e caracteriza-se por uma pesca de baixo impacto ambiental, utilizando instrumentos rudimentares, muitas vezes confeccionados pelas próprias marisqueiras.

De acordo com estudos de Martins (2016), a participação das mulheres na pesca começou de maneira indireta, com tarefas como beneficiamento e comercialização do pescado. Além disso, eram responsáveis pela confecção e reparo dos instrumentos utilizados pelos homens na pesca. Essas atividades, embora não diretamente ligadas à captura, eram fundamentais para o sucesso do trabalho.

A divisão de tarefas na pesca costuma ser vista como uma consequência natural das relações de gênero: aos homens são atribuídas atividades que demandam maior esforço físico, enquanto as mulheres ficam com tarefas domésticas e cuidado dos filhos. Assim, quando atuam fora do lar, espera-se que o trabalho feminino ocorra em um ambiente seguro e próximo à casa, considerando o acúmulo de responsabilidades com o serviço doméstico (Santana, 2014).

A organização das funções no setor pesqueiro geralmente se dá entre mar e terra, onde os homens se dedicam à pesca e as mulheres ficam responsáveis pela coleta de mariscos, moluscos, algas e outros produtos encontrados nas margens de praias e manguezais. Além disso, cabe a elas o beneficiamento do pescado e o reparo dos instrumentos de pesca. No entanto, mesmo com sua atuação nessas atividades, as mulheres ainda acumulam responsabilidades domésticas, enfrentando uma dupla jornada de trabalho (idem).

O trabalho da mulher tem sido historicamente considerado como um suporte necessário ao trabalho do homem; no entanto, esse papel de apoio não recebe o devido reconhecimento ou valorização. A divisão

de tarefas entre os gêneros perpetua uma posição em que as contribuições femininas são vistas como secundárias, e não essenciais por si mesmas (Fassarella, 2008).

Em comunidades litorâneas, onde a pesca em águas profundas é predominante, os homens são considerados a principal mão de obra envolvida. Geralmente, essas atividades são mais valorizadas em comparação com aquelas realizadas pelas mulheres, que, quando referidas como "coleta", não recebem o mesmo reconhecimento ou status atribuído à "pesca" (Alencar, 1993).

Há duas razões principais pelas quais o trabalho das mulheres é frequentemente menosprezado: primeiro, suas atividades ocorrem em um ambiente considerado mais seguro, longe dos riscos e desafios do mar; segundo, o trabalho feminino tende a ser direcionado à manutenção da rotina doméstica e às necessidades familiares, o que o faz ser visto como trivial ou repetitivo (idem).

Ao analisar as funções das mulheres dentro da pesca e a rotina laboral, percebe-se os desafios enfrentados para que o papel feminino tenha visibilidade. As atividades desenvolvidas por elas — preparação dos petrechos, captura, beneficiamento e processamento de pescado, artesanato de escamas e couro de peixe e comercialização — ocorrem em locais de trabalho com baixo rendimento (Martinez; Hellebrandt, 2019).

Em famílias pesqueiras, o papel das mulheres no trabalho de apoio à pesca, embora frequentemente visto como secundário, tem importância estratégica para o sucesso econômico e emocional da unidade familiar. Elas desempenham tarefas essenciais, como processamento e venda do pescado, manutenção de equipamentos e redes de pesca (Martinez; Hellebrandt, 2019).

As atividades pesqueiras desenvolvidas pelas mulheres beneficiam não apenas a economia familiar, mas também contribuem para a manutenção e transmissão do conhecimento pesqueiro, incentivando os filhos a participarem das tarefas e propagando práticas tradicionais (Martins, 2016).

Historicamente, as atividades femininas foram vistas como suporte ao trabalho masculino ou como meramente reprodutivas, sendo invisibilizadas pelos próprios pescadores e, por muitos anos, pelo Estado. Essa invisibilidade dificulta o acesso à regulamentação da profissão e ao reconhecimento das atividades desempenhadas (Martinez; Hellebrandt, 2019). Segundo Maneschy (1995), a maioria das mulheres não participa das atividades de pesca em mar aberto e, por isso, enfrenta dificuldades para se reconhecer como pescadora.

Compreender as relações de gênero, isto é, os papéis e concepções que homens e mulheres ocupam nas interações sociais, é essencial para esclarecer as questões de gênero na pesca artesanal, destacando o espaço de (in)visibilidade e os desafios enfrentados pelas mulheres (Mendes, 2016).

Segundo Santana (2020), a ausência de reconhecimento do trabalho feminino tem impacto significativo na auto afirmação das mulheres. Quando não são reconhecidas pelo trabalho que realizam, elas têm seu acesso a direitos limitado, permanecendo em uma zona de vulnerabilidade social.

### 3 DESENVOLVIMENTO DO TEMA

A pesca artesanal no município de São Francisco de Itabapoana – RJ é fortemente marcada pelo protagonismo masculino em atividades desempenhadas em alto mar. As mulheres também compõem a mão de obra fundamental na atividade pesqueira no município; contudo, a elas são destinadas tarefas realizadas em ambiente terrestre, próximo às suas moradias, como a filetagem do peixe, a limpeza do camarão e a captura de crustáceos nas proximidades costeiras.

As mulheres conciliam o trabalho na pesca com as atividades relacionadas ao cuidado com a família e com o lar, razão pela qual precisam realizar seu labor próximo à costa. O cuidado com a família engloba a atenção às atividades que os homens realizam em alto mar. Muitas mulheres pesqueiras provêm de famílias em que os homens também são pescadores e, nesse contexto, elas cuidam da etapa de beneficiamento do pescado, atuam como suporte emocional para os homens e, em algumas situações, realizam a manutenção dos materiais utilizados na pesca, como o conserto de redes.

Um dos fatores que contribuem para que as mulheres não sejam reconhecidas como pescadoras é o fato de suas atividades serem realizadas próximas à costa e em ambiente doméstico. Conforme destaca Maneschy (2013), a combinação de atividades produtivas e reprodutivas pelas mulheres, muitas vezes realizadas simultaneamente e no mesmo espaço, contribui para o não reconhecimento de sua condição como trabalhadoras.

Para Martins (2013), a desconsideração do trabalho feminino na pesca reflete uma problemática que transcende a economia local, afetando igualmente as relações sociais e familiares. Frequentemente, as atividades realizadas por essas mulheres são vistas como complementares ao trabalho doméstico, resultando em sua exclusão de redes de apoio e em dificuldades para acessar benefícios.

Os resultados do censo realizado pelo PEA (Projeto de Educação Ambiental) Pescarte em 2016 no município de São Francisco de Itabapoana refletem a realidade das mulheres pesqueiras, que, apesar de desempenharem papel fundamental na economia ligada à pesca, não são reconhecidas como pescadoras.

O PEA Pescarte é um projeto de educação ambiental exigido pelo licenciamento ambiental e conduzido pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). O projeto realiza ações voltadas à educação ambiental crítica, à organização comunitária e à criação de projetos de geração de trabalho e renda, tendo como público-alvo pescadores artesanais e seus familiares, atuando em dez municípios da Bacia de Campos.

Em 2016, o PEA Pescarte realizou o censo em sete municípios da Bacia de Campos sujeitos às ações do projeto naquele ano: Arraial do Cabo, Cabo Frio, Campos dos Goytacazes, Macaé, Quissamã, São João da Barra e São Francisco de Itabapoana. O censo foi realizado dentro das comunidades pesqueiras, com o objetivo de conhecer os indivíduos que atuam na pesca, abrangendo informações sobre composição familiar, condições de habitação, acesso a políticas públicas de saúde e trajetória profissional.

No município de São Francisco de Itabapoana, os dados coletados sobre a participação da mulher na pesca evidenciam o lugar de invisibilidade em que se encontram. Ao serem questionados sobre a existência de trabalho de homem e trabalho de mulher dentro da pesca, 484 pessoas responderam “sim” e 569 responderam “não”, indicando que apenas 46% dos entrevistados percebem distinções nas funções desempenhadas por cada gênero.

Quando questionados sobre atividades exclusivas para homens, 433 pessoas indicaram a pesca e 50 responderam “pesca em conjunto com outras atividades, como transporte e comercialização”, o que evidencia que 89% dos entrevistados atribuem ao gênero masculino atividades realizadas em alto mar. Por outro lado, as etapas de beneficiamento do pescado realizadas em terra são atribuídas ao gênero feminino.

Segundo Huguenin (2021), entender a pesca apenas como as atividades realizadas em alto mar, com foco exclusivo na captura, restringe a compreensão do setor, excluindo uma parte significativa das etapas de produção, como limpeza e beneficiamento, que são essenciais para a cadeia produtiva e para a subsistência das comunidades pesqueiras.

Ao serem questionados sobre atividades exclusivamente femininas, apenas 24 pessoas responderam “pesca” (5,2% do total), enquanto 437 responderam atividades relacionadas ao beneficiamento e venda do pescado (94,8%). Esses dados evidenciam a percepção restrita do papel feminino na pesca, limitando-o às etapas de beneficiamento e comercialização e perpetuando a falta de reconhecimento do trabalho das mulheres.

O censo Pescarte reforça o lugar de invisibilidade ocupado pelas mulheres na pesca artesanal. Quase metade dos entrevistados não percebe distinção entre trabalho feminino e masculino; contudo, a grande maioria considera a pesca uma atividade masculina, evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se afirmarem como pescadoras.

A falta de reconhecimento implica desvalorização do trabalho feminino. Quando não são reconhecidas como pescadoras, as mulheres enfrentam ganhos financeiros inferiores, dificuldade de acesso a direitos como associação à colônia de pescadores, seguro-defeso, aposentadoria e assistência em caso de doença.

Hellebrandt (2017) observou que o termo “mulher” não constava na legislação pesqueira até 2015, quando o reconhecimento formal da categoria “pescadora” começou a ser utilizado. Santos (2015) destaca que as mulheres pescadoras representam o grupo mais vulnerável, enfrentando precarização em salários, direitos e condições de trabalho.

Segundo a FAO, no Brasil, as mulheres correspondem a cerca de 45% da força de trabalho na pesca artesanal, mas muitas não são registradas formalmente, o que limita seu acesso a direitos previdenciários, como seguro-defeso e aposentadoria, mantendo-as em situação de vulnerabilidade e evidenciando desigualdade de gênero no setor.

O reconhecimento das mulheres como pescadoras é essencial para garantir seus direitos trabalhistas e previdenciários, reduzir a desigualdade de gênero e valorizar o trabalho feminino em toda a cadeia produtiva da pesca, desde o beneficiamento até o suporte emocional e logístico.

A valorização do trabalho feminino ocorre por meio do empoderamento e da conscientização da comunidade pesqueira sobre a importância das atividades realizadas pelas mulheres. Guimarães (2024) enfatiza que essa valorização é crucial para promover a igualdade de gênero e garantir reconhecimento justo às contribuições das mulheres na pesca, fortalecendo uma pesca inclusiva e sustentável no Brasil.

Segundo Santos (2015), a crescente participação feminina em diversos setores do mercado de trabalho transforma o perfil e a organização das classes. Nesse contexto, o projeto Pescarte atua no empoderamento das mulheres, ampliando sua atuação, fortalecendo lideranças femininas em instâncias de decisão e intensificando a mobilização das pescadoras na luta por seus direitos.

#### 4 CONCLUSÕES

A desvalorização do trabalho das mulheres na pesca artesanal é uma realidade observada no município de São Francisco de Itabapoana, mas esse cenário se estende a diversas comunidades pesqueiras em todo o Brasil. A divisão de tarefas baseada no gênero destina às mulheres atividades de beneficiamento e funções complementares, embora essenciais para a cadeia produtiva da pesca. Aos homens são atribuídas as tarefas em alto mar, geralmente mais valorizadas.

As mulheres realizam suas atividades em seus lares ou próximas à zona costeira, o que faz com que seu trabalho seja percebido como uma extensão do trabalho doméstico, também historicamente invisibilizadas. Essa percepção reforça a subestimação do trabalho feminino, que enfrenta desafios para ser reconhecido formalmente e sofre negligência em relação a direitos trabalhistas e previdenciários.

Os dados do censo Pescarte de 2016 revelam a percepção da comunidade pesqueira de São Francisco de Itabapoana sobre o trabalho feminino na cadeia produtiva da pesca. Cerca de 46% dos entrevistados afirmaram que não existe distinção entre trabalho de homem e trabalho de mulher. No entanto, quando questionados sobre a pesca em si, 89% indicaram que essa é uma atividade exclusiva do homem, evidenciando a limitação da percepção de gênero nas atividades pesqueiras.

Essa visão dificulta o reconhecimento das mulheres como pescadoras, colocando-as em situação de vulnerabilidade social, com ganhos financeiros inferiores e dificuldades para acessar direitos destinados aos trabalhadores da pesca, como o seguro-defeso, aposentadoria, benefícios e auxílios em casos de acidentes ou doenças.

Para que as mulheres recebam o reconhecimento que merecem, é necessário um esforço conjunto, envolvendo políticas públicas eficazes que atendam às necessidades das mulheres pesqueiras e garantam os mesmos direitos concedidos aos trabalhadores da pesca. Além disso, a organização comunitária deve

promover a conscientização sobre a importância do trabalho feminino na cadeia produtiva, favorecendo o empoderamento das mulheres pescadoras.

É fundamental que o trabalho das mulheres seja formalizado, por questões de justiça, já que sua atuação é essencial para a manutenção da cadeia produtiva da pesca. Além disso, é necessário o reconhecimento social da igualdade de gênero para que o acesso a direitos e oportunidades seja garantido.

A valorização do trabalho feminino na pesca deve ser reconhecida como central e não secundária, abrangendo o acesso a direitos iguais, a valorização das etapas de captura e beneficiamento do pescado e a garantia de ganhos financeiros justos. Todos esses aspectos contribuem para a melhoria da qualidade de vida das mulheres pesqueiras.

Promover a igualdade de gênero, valorizar o trabalho das mulheres nas comunidades pesqueiras e reconhecer formalmente seu papel como pescadoras são passos essenciais para assegurar justiça social, reduzir desigualdades históricas e garantir direitos previdenciários e seguro-defeso.

## REFERÊNCIAS

- CHIES, Paula. Identidade de gênero e identidade profissional no campo do trabalho. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 507 -528, maio/ago. 2010
- FASSARELA, S. O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino. *Universidade de Brasília*.v.10,n.23,p.195-199. jul/dez.2008.
- GUIMARÃES, Meire Vânia Ferreira Araújo. Pesca artesanal: saberes e desafios dos pescadores em Porto Nacional - Tocantins (1999- 2002). 2024. Dissertação (Mestrado em História das Populações Amazônicas) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2024.
- HELLEBRANDT, Luceni. Mulheres da Z3 – O camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2017
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Caderno de pesquisa v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- HUGUENIN, F. P.; MARTÍNEZ, S. A. Mulheres da Pesca:Invisibilidade e Discriminação Indireta no Direito ao Seguro Desemprego: Invisibility and Indirect Discrimination Undermining Unemployment Insurance Rights. *Direito Público*, [S. l.], v. 18, n. 97, 2021.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-76.
- MANESCHY, Maria Cristina. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Belém: NAEA/UFPA, 1995.
- MANESCHY, Maria Cristina. Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. In NEVES, Delma Passanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (Org.).*Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niteroi: Alternativa, 2013
- MARTINEZ, F.; HELLEBRANDT, P. O papel estratégico das mulheres nas famílias pesqueiras. In: SILVA, M.; COSTA, J. (org.). *Gênero e trabalho: experiências no Brasil*. São Paulo: Editora Pesca, 2019. p. 85-102.
- MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G.. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, p. 379–390, maio 2016.
- MARTINS, Mary Lourdes Santana. Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artenasal. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristão-SE, 2013.
- MENDES, Soraya Helena de Araújo Mendes Araújo; PARENTE, Temis Gomes Parente Gomes. (In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero em Miracema do Tocantins-TO. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 177–199.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). As mulheres representam quase metade da força de trabalho na pesca, mas enfrentam mais desigualdades Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detalhe-eventos/pt/c/1237574/>. acesso em 05 de out de 2024

SANTANA, Camilla Gentil. AS PERCEPÇÕES AMBIENTAIS DE PESCADORES E MARISQUEIRAS ACERCA DA DIVISÃO SEXUAL DE TRABALHO NA PESCA EM PIRAMBU/SE. *Ambivalências*, São Cristóvão-SE, v. 2, n. 3, p. 86–105, 2014

SANTANA, Yana. Trabalho e direitos humanos: um olhar sobre as mulheres marisqueiras. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Tecnologias e Políticas Públicas) - Centro Universitário Tiradentes UNIT/AL, Maceió, 2020.

SANTOS, Valdir. Trabalho e Relações de Gênero na pesca artesanal: Mudanças e permanências. In: TIMÓTEO, Geraldo Márcio (Ed.). *Trabalho e Pesca no Litoral Fluminense: Reflexões a partir do Censo do PEA Pescarte 1ª ed.* Campos dos Goytacazes: EdUENF. cap. 7, p. 301. 2019.

THEIS, Rafaella. “Marisqueiras” da Bacia de Campos – relações de gênero e o trabalho da mulher na pesca artesanal no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

WINTER, Wilson Rubem; JAHNERT, Ricardo Jorge; FRANÇA, Almério Barros. Bacia de Campos. *Boletim de Geociências da Petrobras*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 511–529, 2007. Disponível em: <https://bgp.petrobras.com.br/bgp/article/view/353>. Acesso em: 30 out. 2024.